

6/6/1984

Os bispos falam de bóias-frias e luta de classes

"A Igreja deve promover a consciência de comunidade enquanto convivência do homem com o seu meio, e a consciência de classe enquanto direitos a serem reivindicados", afirmou ontem, em Itaici, o bispo de Bauru, dom Cândido Padim, ao falar sobre a postura que a Igreja deve assumir frente à realidade dos trabalhadores. A discussão dos problemas enfrentados pelos trabalhadores rurais, em especial dos bóias-frias, sob o tema "O mundo do trabalho no campo e na cidade", tomou ontem o dia todo de debates dos bispos paulistas reunidos na assembléia geral da Comissão Episcopal Sul-1 da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que se encerra amanhã.

A conscientização dos trabalhadores do campo sobre a importância de se unirem em torno de sindicatos ou associações que levem adiante suas reivindicações, e o apoio a luta pela reforma agrária, foram as principais tendências surgidas ontem em relação ao trabalho de pastoral a ser desenvolvido pelas dioceses paulistas e cuja linha de ação deverá constar de um documento a ser aprovado pelo episcopado. Segundo dom Cândido Padim, existe a preocupação, por parte dos bispos, de esclarecer o significado da expressão "luta de classe", que para a Igreja não sugere a eliminação de uma classe social pela outra, mas sim na luta pelos direitos de uma determinada faixa da sociedade.

Para dom Cândido, "o trabalhador rural só se salvará a partir de uma ação que parta de dentro da sua comunidade". Ele disse: "toda nossa tentativa sempre foi no sentido de que os trabalhadores se libertem por si mesmos para reivindicarem seus direitos". De acordo com dom Cândido, os conflitos dos bóias-frias na região de Ribeirão Preto foram uma espécie de "luz vermelha" para chamar a atenção das autoridades para a situação, que "está no limite".

Diante desse quadro, dom Cândido acredita que "a Igreja precisa sistematizar melhor e mais permanentemente o seu apoio aos pequenos grupos de trabalhadores rurais". O bispo acredita que em parte a ausência da Igreja se explica pela carência de padres e também pela dificuldade para a realização desse objetivo, dada a "situação de massacre do trabalhador rural que não tem tempo para se reunir ou participar de cursos de formação de agentes de pastoral".

CPT

Dois problemas colocados ontem pelos grupos de trabalho na assembléia foram a "ausência de trabalho pastoral organizado" e as "divergências" entre as comissões de pastoral do trabalho (CPT) e as dioceses. Quanto ao primeiro ponto, os bispos admitem que houve uma "omissão" da Igreja, que agora está sendo corrigida com o revigoramento da pastoral rural. Ao mesmo tempo, a CPT é um órgão anexo à CNBB, mas uma entidade civil que age de forma independente, sem necessariamente ter que seguir as diretrizes da ação episcopal. Isso, segundo os bispos tem causado tensões em várias dioceses onde o próprio bispo ou mesmo a comunidade clerical não aceita o trabalho desenvolvido pela CPT, que geralmente está ligado aos conflitos dos trabalhadores.

Para dom Cândido, "isso poderia ser corrigido com um entrosamento maior das pessoas que trabalham na CPT como agentes pastorais da Igreja, para se evitar esse quadro conflitivo".

Já o bispo de Registro, dom Aparecido José Dias, presidente do regional da CPT, afirmou que "pelo fato de a comissão sempre se apresentar em lugares de conflito, ela é marcada e canaliza em torno de si uma reserva, dentro e fora da Igreja". De acordo com o bispo "a CPT está mais adiantada na ação prática junto ao trabalhador do que a Igreja, e isso cria dentro da

pastoral uma certa tensão, porque a diocese tem uma determinada linha. muitas vezes divergente. O pivô da questão, na minha opinião, é que não descobrimos ainda a maneira de entrosar o trabalho da CPT com a pastoral orgânica de diocese."

Mundo rural

Um trabalho apresentado ontem pelo bispo de Jales, dom Luiz Demétrio Valentini, encarregado da pastoral rural no Estado de São Paulo, coloca que "é missão da Igreja evangelizar o mundo rural", justificando que "não dá para supor que essa tarefa pode simplesmente ser delegada ou assumida por iniciativa de alguns, sem comprometer toda a Igreja. A pastoral do mundo rural precisa envolver toda a comunidade eclesial". O texto diz que a primeira tarefa pastoral do mundo do trabalho deve ser a de "conscientização dos trabalhadores", e sugere atenção especial para as "periferias, onde mora a maioria dos trabalhadores" e para o "bóia-fria, que vive as piores condições de trabalho atualmente".

No documento, dom Demétrio observa ainda que "a situação dos lavradores constitui um claro questionamento do sistema político e econômico, e também para a própria Igreja", citando como "símbolos" os episódios de Guariba e Bebedouro. Apresenta como sugestões de propostas de ação pastoral da Igreja "a formação de comunidades eclesiais junto aos trabalhadores rurais; um trabalho específico com os bóias frias; apoio aos pequenos proprietários rurais; apoio às organizações próprias dos trabalhadores rurais, e integração de núcleos da CPT em todas as dioceses".

Hoje, a assembléia dos bispos paulistas discutirá o tema "Mundo do trabalho urbano", quando o bispo de Santo André, dom Cláudio Humes, fará uma explanação sobre a situação dos operários.